

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**OLIVER RODRIGUES BALBI**

**A IMPORTÂNCIA DO USO DA LINGUAGEM NEUTRA NA TRADUÇÃO DO  
INGLÊS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**PORTO ALEGRE  
2023**

**OLIVER RODRIGUES BALBI**

**A IMPORTÂNCIA DO USO DA LINGUAGEM NEUTRA NA TRADUÇÃO DO  
INGLÊS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto de Letras da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ian Alexander.

PORTO ALEGRE  
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**REITOR**

Carlos André Bulhões Mendes

**VICE-REITORA**

Patrícia Pranke

**DIRETOR DO INSTITUTO DE LETRAS**

Carmem Luci da Costa Silva

**VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS**

Márcia Montenegro Velho

**CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES**

Juliani Menezes dos Reis

**OLIVER RODRIGUES BALBI**

**A IMPORTÂNCIA DO USO DA LINGUAGEM NEUTRA NA TRADUÇÃO DO  
INGLÊS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Licenciado em Letras pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 12 de abril de 2023.

Resultado: Aprovado com conceito .....

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Claudio Vescia Zanini  
UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizamari Rodrigues Becker  
UFRGS

---

Prof. Dr. Ian Alexander (presidente/orientador)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho é dedicado a todes que, de  
alguma forma, vêm sobrevivendo, apesar  
dessa sociedade em que vivemos.

Estamos juntos.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001, através do Programa de Educação Tutorial do Instituto de Letras da UFRGS e do Idiomas sem Fronteiras.

Agradeço, primeiramente, aos meus orixás. A Xangô, que guia minhas mãos enquanto escrevo, a Iemanjá, que guarda minha cabeça e a Oxalá, que protege meu corpo. Agradeço a Ogum, pois nunca me faltaram batalhas, mas também sempre me sobraram forças para seguir.

Às minhas muitas famílias: ao meu berço de sangue, que me ensinou muito sobre o que devemos levar para a vida e quais presentes devemos negar e deixar pelo caminho. Um agradecimento especial à minha irmã, Nina Rodrigues Balbi, que, num reencontro, mesmo de longe, vem sendo um grande apoio. Ao meu pai, Helio Balbi, agradeço pelo exemplo e pela força de continuar, mesmo quando nem tudo parece fazer sentido. Ao meu avô Humberto Balbi, que segue sendo minha rede de apoio, mesmo não estando mais aqui.

À minha família de santo, agradeço pelo pertencimento, pela aceitação que me deram, pelo acolhimento e pela esperança que sempre trazem para os meus dias nublados. Agradeço especialmente ao meu pai de santo, Paulo Mallet, e sua busca para trazer conforto a todes que com ele convivem e que buscam ajuda nos orixás.

À minha família pessoal. Minha noiva, Nina Mazim Dias, merece todos os agradecimentos, pois sem ela a rotina sisifiana da nossa sociedade não teria brilho, não teria luz e não teria paz. A poesia que a acompanha faz dos meus dias, da minha vida e da nossa casa um lar. Aos meus gatos, Léon e Rosa, e à minha cachorrinha, Pudim, deixo aqui esta menção, pelo afeto que sempre me trouxeram.

A minhes amigues. Sendo a família que eu escolhi, estiveram presentes no caminho esburacado que foi escrever este TCC, aturando minhas presenças e ausências, meu mau humor e as noites não dormidas.

Agradeço ao Instituto de Letras e ao seu corpo docente. Muites foram aqueles que me receberam, elevaram meu amor pelos estudos, me apresentaram novas formas de olhar para os mesmos problemas e propuseram perguntas que vou levar sempre comigo.

Em especial, agradeço à professora Sandra Maggio, por ter sido um dos pilares que garantiram a minha permanência nos estudos, com seu carinho e cuidado. Ao professor Luiz Carlos Schwindt, agradeço por ter aberto os caminhos da linguística de forma honesta e correta, sempre buscando o aperfeiçoamento de todes ao seu redor. Ao professor Carlos Augusto Bonifácio Leite, agradeço por iniciar meus caminhos na pesquisa, me guiando pela poesia da prosa acadêmica.

Ao professor Ian Alexander, deixo meus maiores e mais sinceros agradecimentos, pela confiança no meu trabalho, pela escuta incrível, por ter sido um mentor gentil e solícito em todos os momentos nos quais precisei dele. Este trabalho só foi possível por causa da sua inspiração, das suas perguntas, das respostas que construímos juntos e do seu apoio.

Por fim, agradeço a mim e relembro as palavras de Inês Pedrosa, em “Fazes-me falta”:  
“neste lugar sem lugar, passado e presente e futuro são contemporâneos. Desabam para o interior do seu próprio excesso de existência”. Desta escrita, me dou, com acolhimento, os créditos de existir um pouco menos para viver um pouco mais.

Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se no momento de sua expressão, como um produto da interação viva das forças sociais. (BAKHTIN, 2006, p. 67).



## RESUMO

O presente trabalho irá abordar a importância de repensarmos a tradução do inglês para o português dentro da ótica da diversidade de gênero. Ele nasceu da inquietude causada por um trabalho de revisão feito pelo autor, cujas escolhas editoriais, até então, vinham sendo pautadas na cisnormatividade e na heteronormatividade. A tradução prévia ao trabalho de revisão havia sido produzida dentro dessas normas, que atualmente estão sendo cada vez mais debatidas por, muitas vezes, não representarem todos os envolvidos no processo de escrita. A necessidade de mudarmos a forma de se fazer tradução no que tange a identidade de gênero e sexualidade fica cada dia mais iminente. O que torna o uso do pronome neutro importante e quem são as pessoas afetadas por esse uso foram perguntas geradoras, importantes para focar o escopo da pesquisa e a apresentação deste trabalho. A língua não existe fora da sociedade na qual está inserida; ela é viva e muda de acordo com quem a usa. Mudar traduções também significa entender esse preceito e tirá-lo do campo da teoria, trazendo-o para a prática cotidiana. Por isso, além de este trabalho abordar a linguagem neutra no inglês, ele também será escrito de acordo com a proposta de sistematização normativa de Ophelia Cassiano para uma neolinguagem do português brasileiro.

**Palavras-chave:** tradução; gênero; linguagem neutra; pronome neutro; não binariedade.

## ABSTRACT

The present work will analyze the importance of rethinking translation from English to Portuguese through the lens of gender diversity. This is a work born from a restlessness caused by a copyediting job done by the author in which cisnormativity, as well as heteronormativity, had been dictating the editorial choices up to that point. The translation itself preceded the copyediting work that was produced within those norms, which at the moment are under intense debate for often not representing all people involved in the writing process. The need for change in the way we make translations related to gender identity and sexuality becomes more pressing with each passing day. What makes the use of gender-neutral pronouns so important and who are the people affected by its use were the starting questions for this analysis and are important to define the scope of research and presentation of this paper. Language doesn't exist outside of the society within which it resides; it's alive and ever changing by those who use it. Changing translations also means understanding that process and taking it beyond its academic field of study, bringing it closer to people's daily lives. Therefore, this work will not only approach gender neutral language in English but also be written in accordance to the proposal of a normative systematization by Ophelia Cassiano for gender neutral neopronouns in Brazilian Portuguese.

**Keywords:** translation; gender; gender neutral language; gender neutral pronoun; non binary.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>VIVÊNCIA FORA DO BINARISMO DE GÊNERO, SUAS TERMINOLOGIAS E SUA RELAÇÃO COM O USO DO PRONOME NEUTRO</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>A IMPORTÂNCIA DO USO DO PRONOME NEUTRO EM COMPARAÇÃO COM OUTRAS FERRAMENTAS DE NEUTRALIZAÇÃO</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>A TRADUÇÃO <i>QUEER</i></b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O uso do pronome neutro no português toca a vida de muitas pessoas que vivem fora do binarismo de gênero, isto é, pessoas que não se enquadram nem no que a sociedade dita como masculino, nem no que a sociedade dita como feminino. Gênero e sexo são conceitos construídos socialmente e ditam como comportamentos, aparência, traços, fala, língua, basicamente tudo o que constrói sujeitos, devem ser.

A representação de pessoas não binárias é de extrema importância na minha vida, pois sou, além de professor, tradutor e revisor, não binário. A ideia para o presente texto nasceu da inquietude que um trabalho me causou. Era um cenário fantástico, feito para ser vivido num sistema de *role-playing game* (RPG), ou “jogo de interpretação de personagens”, que permite às pessoas jogando serem múltiplas e únicas, se montarem e viverem aventuras como desejarem.

Revisando a tradução de um colega para a editora Retropunk, onde trabalho há quase três anos, me deparei com um original onde o *they* — pronome que normalmente significaria eles ou elas em português — estava sendo usado com o significado de pronome neutro. Segundo Pereira (2002, p. 243),

[a] forma singular do pronome they e suas variações (them, their, theirs, themselves) são usadas desde o século XIV (BALHORN, 2004) e podem ser utilizadas tanto para se referir a pessoas em geral, como em —Everybody has their own problems, quanto para se referir a uma única pessoa, como em —That person has probably lost their key. Um terceiro uso do they singular é para se referir às pessoas não binárias – aquelas cujo gênero não é exatamente —homem ou —mulher – que preferirem ser referidas dessa forma (Oxford Learner’s Dictionary, 2020).

O tradutor fez uma escolha e propôs que a tradução usasse os pronomes “ele” ou “dele” em sua forma supostamente neutra no português, ao invés de tentar utilizar pronomes neutros, como no original.

Existem vários formatos para esses pronomes no português, pois, apesar de seu uso em diversos círculos sociais, ele ainda não foi dicionarizado, então não temos uma proposta feita pela gramática normativa de como usá-lo. O que eu escolhi usar, tanto na revisão daquele texto quanto neste trabalho, foi o “elu”, por ser o que se parece mais com suas contrapartidas “ele” e “ela”. Segui a proposta de sistematização de Ophelia Cassiano em seu *Guia para a Linguagem Neutra no Português Brasileiro* (2019) para esse pronome.

Após conversas com os meus editores e com o grupo de tradução da empresa, bem como uma argumentação para além da minha vivência pessoal, foi decidido que eu poderia mudar o texto que eu estava revisando. Para que a ideia da pessoa que escreveu fosse respeitada e respaldada na língua para a qual estava sendo traduzida, foi feita uma revisão minuciosa, observando os diversos usos do *they* e os momentos nos quais esse pronome representaria o “elu” ou o “elus”.

Diferentemente do que fez Rafaela dos Santos Silva, em seu trabalho “A Tradução de Pronomes de Gênero Não-Binário e Neutro na Legendagem: uma Análise Dos Seriados *Carmilla* e *One Day at a Time*”, no qual foram usados exemplos diretos do corpus linguístico das séries, procurei propor exemplos que tivessem semelhança com o texto gerador, mas que não fossem o original.

A escolha de omitir o nome do tradutor e exemplos diretos do ocorrido vem de uma preocupação ética, em vista que a pessoalização do ocorrido pode ter repercussões pessoais que o presente trabalho, ou aquele que o escreve, não tem objetivo de causar. Para além disso, o texto só foi a público após a escolha editorial do uso da linguagem neutra em sua forma final e não existiria um documento original ao qual fazer comparação.

Naquele momento, percebi que meu trabalho de conclusão de curso na faculdade de Letras, onde estudei português e inglês, suas relações linguísticas e as vivências dessa relação em sala de aula com seus diversos falantes, deveria ser relacionado com o uso do pronome neutro.

Uma das leituras mais marcantes que fiz sobre o que a língua e seu uso representam na vida das pessoas foi o livro de Shoshana Felman, *O inconsciente jurídico*, de 2014. Ela inicia seu primeiro capítulo abordando Walter Benjamin, sua vida, sua relação com a justiça e, posteriormente, seu suicídio.

Dentro desse capítulo, ela retoma o conceito dos “sem-expressão” (*das Ausdruckslose*), cunhado por Benjamin, por conta de seu caráter inovador dentro da literatura, visto que unia a arte à comunicação. Essa comunicação estaria presente no não comunicado, no silêncio imposto do que não pode ser dito em palavras, mas que está presente no mundo e que se faz presente através da arte (FELMAN, 2014).

A relação entre esse conceito e a falta de voz das pessoas trans, binárias ou não, dentro da sociedade me tocou profundamente como uma pessoa não binária, portanto, este TCC, tendo uma perspectiva subjetiva aborda a vivência e a subjetividade de

peças LGBTQIA+. Essas diferentes formas de existir, ver e vivenciar situações, bem como se organizar politicamente, exigem uma terminologia desenvolvida durante anos dentro das respectivas comunidades, mas que vem sendo rechaçada pela sociedade.

Para além das definições mencionadas acima, Felman usa o termo “sem-expressão” no sentido que Levine (1994 *apud* FELMAN, 2014) o utiliza:

[...] sem-expressão (das Ausdruckslose) são aqueles que a violência privou de expressão; aqueles que, por um lado, foram historicamente reduzidos ao silêncio e que, por outro, foram historicamente tornados sem rosto, privados de seu rosto humano — privados, a saber, não só de uma linguagem e de uma voz, mas mesmo da expressão muda, sempre presente num rosto humano vivo. (FELMAN, 2014, p. 42).

Início, então, o presente trabalho buscando dar voz e rosto às pessoas que a sociedade tornou mudas, pessoas fora do padrão cis-heteronormativo que lutam diariamente por seus direitos, os quais têm sido violados sistematicamente a nível social, mas que aqui serão abordados apenas dentro da esfera da linguagem.

O pronome neutro é polêmico. Usá-lo implica uma escolha política de quem a linguagem deveria contemplar e acolher: aqueles sistematicamente silenciados ou aqueles com poder para serem sistematicamente silenciadores; escolha essa que deveria ser pautada concedendo aos mortos seu “redespertar”, sua justiça. Para Benjamin, essa justiça parte desse “voltar à vida”, que reside em uma lembrança do que foi feito e a quem foi feito, de todo mal e ultraje da história daquelas pessoas, de suas violências e vivências (FELMAN, 2014).

Para compor essa voz coletivamente, num contrato entre este texto e seus leitores, num primeiro momento, vão ser explorados alguns temas para que todes consigam partir dos pressupostos necessários para entender o que discutirei mais adiante. O ponto de partida será a definição da terminologia relacionada à população LGBTQIA+ relevante para este contexto. Para além disso, o texto será escrito, partindo do presente parágrafo, usando o pronome neutro.

Neste trabalho usarei a palavra *Queer*, que no inglês significa “estranho” e é uma palavra reconquistada pela população LGBTQIA+, como denominação a todas as pessoas que não se encaixam na estrutura hetero e cisnormativa, para me referir a população e movimento LGBTQIA+.

A sigla LGBTQIA+ existe agora como um movimento de incluir a todes nominalmente à antiga sigla LGBT. Meu intuito é usar uma palavra mais abrangente, com um uso mais antigo e que trará mais fluidez ao texto. O que caracteriza

especificamente cada uma das letras da sigla é cada dia mais amplo, então suas definições fogem ao escopo deste trabalho.

Apesar disso, apresento o que cada letra em si significa e ao que cada uma delas se refere: L (lésbica), G (gay), B (bissexual), se referem a sexualidade; T (transgênero ou transsexual), se refere a gênero e é um termo guarda-chuva para todas as identidades não cisnormativas; I (intersexo), fala sobre corpos e suas características fisiológicas e A (assexuais) fala sobre atração sexual.

Pode haver um estranhamento inicial com essas nomenclaturas, bem como, com o uso da linguagem neutra, mas deve-se entender que a língua é um campo de batalha em; “que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória” (BAKHTIN, 2006, p. 67). Nela se travam embates sociais, como os de classe, gênero e raça, e nela se edificam o silêncio e sua ausência, bem como a força para transformar esse silêncio em um megafone.

Parte-se do pressuposto, então, de que todes estejamos juntas nessa jornada. Em sua constante mudança, a língua viva viu, vê e verá o poder da fala, da voz, do que pode ser dito e de como pode ser dito, ser reivindicado por diversos grupos sociais.

O silêncio, como diria Felman (2014), é também algo que escapa, que resiste, que recusa. Ele cria uma brecha que não permite que a história suprima o grito daqueles “sem-expressão”, que a impede de roubar delus seu significado. Neste trabalho, então, procura-se criar, para um grupo silenciado — o das pessoas trans não binárias — a brecha que permite a voz.

Além disso, é importante destacar que “[o] que escapa ao padrão binário e heteronormativo de gênero é alvo de situações de violência, que, devido ao seu caráter repetitivo e de invisibilidade constitui um trauma cultural” (POLL; ALVES; PERRONE, 2018, p. 89). Esse trauma cultural retirou da história o rosto daqueles que sempre existiram, tornaram mudas suas pautas e vivências e ridicularizaram suas experiências individuais.

Em nome des nossas falecides, urge aqueles que estão vives pautarem dentro de diversas áreas do conhecimento a inserção de nossas vozes. Este é o ponto de partida do qual será pensado este trabalho, focando na tradução do inglês para o português e procurando pautar a importância de se construir esse espaço de respeito, memória e futuro dentro de ambas as línguas.





## **2 VIVÊNCIA FORA DO BINARISMO DE GÊNERO, SUAS TERMINOLOGIAS E SUA RELAÇÃO COM O USO DO PRONOME NEUTRO**

Primeiramente, abrindo as discussões sobre a não binariedade e o uso da Linguística *Queer* para pensarmos o uso da linguagem neutra, é preciso desconstruir algumas dicotomias enraizadas em nós pela sociedade na qual vivemos. Para este texto, será utilizado um conceito de desconstrução que busca mostrar o implícito dentro de uma oposição binária, repensando algumas dicotomias como o que significa estar fora ou dentro de um sistema, passando pela dinâmica de presença e ausência e revendo o natural e o histórico. O objetivo aqui é traçar um caminho que construa ferramentas necessárias para o entendimento da não binariedade.

A primeira dicotomia a ser analisada está incrustada em nossa sociedade e parece estar baseada em conceitos rígidos científicos que a tornariam sempre real: o conceito de macho e fêmea dentro do âmbito do sexo biológico. O capítulo “Dualismos em duelo”, da autora Anne Fausto-Sterling (2002), junto com algumas referências apresentadas em seu texto, serão o ponto de partida para essa proposta de desconstrução.

Quanto mais se buscam aspectos físicos para sexo biológico, mais se percebe que a metodologia, o olhar que cientistas utilizam para estudar as características biológicas humanas já vem embutido de preceitos construídos socialmente, misturados às ideias sobre o que é gênero. As partes fisiológicas do corpo que poderiam embasar essa dicotomia entre macho e fêmea, como genes, hormônios, útero e próstata, existem e diferenciam a experiência individual de gênero e sexualidade de cada indivíduo (FAUSTO-STERLING, 2002).

Porém, toda vez que a socialização e o discurso sobre o que é “macho” e “fêmea” tentam ser ignorados e se voltam os olhos apenas para o corpo, como se este pudesse existir antes do discurso, “descobrimos que a matéria está inteiramente sedimentada com discursos sobre o sexo e a sexualidade que prefiguram e limitam os usos que podemos fazer desse termo” (BUTLER, 1993, p. 29 *apud* FAUSTO-STERLING, 2002, p. 62). Nessa perspectiva, inicia-se a análise com o que mais marca o que é o sexo biológico: os órgãos genitais. Conseqüentemente, quando pessoas nascem com partes do corpo impossíveis de serem identificadas como masculinas ou femininas de maneira mais simples, es médiques propõem cirurgias,

muitas vezes invasivas, para readequar essas pessoas à norma binária (FAUSTO-STERLING, 2002).

Como se o conhecimento científico fosse suficiente para que elus pudessem identificar o que a natureza entendeu como apropriado para aquela pessoa, muitas vezes se usa plástico ou materiais completamente não naturais para o corpo humano a fim de encaixar essas pessoas na relação pré-estabelecida com a qual elus olham para todos os corpos: macho *versus* fêmea ou masculino *versus* feminino. Essas verdades, o que define uma característica como pertencente ao corpo de uma mulher ou de um homem, vêm do campo social, são construídas nele e reforçadas pela tradição ocidental que busca invisibilizar a existência de corpos intersexuais (FAUSTO-STERLING, 2002).

Intersexuais são essas pessoas que nascem com características não compatíveis com os moldes de masculino e feminino, que apagam as fronteiras desses conceitos pois corporificam os dois sexos. Lidar com a intersexualidade, do ponto de vista médico e ocidental, envolve manter a ideia dessa dicotomia como algo real e natural, por isso, procedimentos cirúrgicos são muitas vezes utilizados para adequar tais pessoas a essa “mitologia do normal, alterando o corpo intersexual para ajustá-lo, tanto quanto possível, a um dos dois escaninhos” (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 27). Dessa forma, é considerado “progresso” na medicina apagar tudo o que pode enfraquecer a aparente veracidade das afirmações sobre as diferenças sexuais.

Entendendo os estudos sobre sexo como não neutros, mas fortemente relacionados à decisão social do que faz de alguém homem ou mulher, nada estruturado sobre esses recursos poderia “construir teorias ‘objetivas’ ou ‘científicas’ do desenvolvimento e diferenciação sexual” (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 63). Então, seguindo o que Butler (1993 *apud* FAUSTO-STERLING, 2002) sugere, deve-se olhar o corpo como algo que, enquanto sistema, ao mesmo tempo que produz significados sociais, também é produzido por eles. A complexidade do corpo humano é grande demais para que respostas simples e claras sobre a diferença sexual possam ser obtidas.

Dentro dessa primeira dicotomia que se pretende desconstruir, fica claro que

[...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social. Podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero — e não a ciência — podem definir nosso sexo. Além disso, nossas crenças sobre o gênero também afetam o tipo de conhecimento que os cientistas produzem sobre o sexo. (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 15).

Depois de entendido que o sexo biológico não comporta a dicotomia homem *versus* mulher, pode-se passar para a análise do que constitui a noção de gênero, com o intuito de mostrar que o que parece estar fora do sistema, que se pode ver como não pertencente, já está ali e não é mostrado para que não se quebrem as frágeis bases sobre as quais essas noções estão construídas.

Quando se pensa em gênero, a maioria das pessoas pensa, quase que automaticamente, em duas “caixinhas”, “homem” e “mulher”. O que significa ser homem ou mulher é construído a partir do que a sociedade considera masculino ou feminino. O primeiro grupo a questionar as definições de gênero social foi o movimento feminista.

Em suas três fases clássicas, o feminismo definiu gênero de formas distintas. Nas duas primeiras fases, tentando repensar a lógica de opressão sofrida pelas mulheres, o gênero foi pensado em oposição ao sexo. Na terceira, Butler (2003) passou a desafiar a ideia do caráter imutável do sexo e então, se permitiu pensar no aspecto discursivo do qual esse pressuposto nasce:

[O] gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou um “sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2003, p. 25).

Nesse momento histórico, também nasceu a Teoria *Queer*. Nela se questiona o binarismo e o normativo — este usado com a definição de Butler em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003) como o que rege as normas de gênero e as justificativas éticas que se estabelecem e as consequências concretas que partem dele.

Começou-se a pensar em gênero ou identidade de gênero como a relação que as pessoas estabelecem com o seu entorno, com suas experiências enquanto sujeito social, que vive e sente sua própria essência. Independentemente de genitais, cromossomos e biologismos no geral ou da forma como essas pessoas se apresentam e se vestem, passou-se a pensar em gênero como algo que não se escolhe; pelo contrário: se nasce, se vive e se torna.

Então, uma pessoa trans, em oposição a uma pessoa cis, seria alguém que foge ao padrão normativo que a sociedade prega quanto à vivência que ela deveria ter baseada no corpo com o qual nasceu. Pessoas trans não-binárias fogem ainda mais a

esses parâmetros; existem fora do que é predefinido como homem ou mulher, macho ou fêmea. Podem, ou não, ter gênero, definir o próprio gênero com palavras e oscilar entre diversos gêneros e podem, ou não, usar o pronome neutro para definir a sua vivência.

As pessoas trans deixaram de ser vistas como doentes pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apenas em 2018, tendo como data final para que esse parâmetro fosse estabelecido nos países que a integram em 2022 (OMS..., 2018). Contudo, as lutas dessa população, infelizmente, não pararam por aí. Com legislações cada vez mais reacionárias em diversos países, como nos EUA e na Inglaterra, ser trans ainda é lutar pelo direito à vida, à saúde, à educação, à felicidade, aos direitos básicos — de serem vistas como cidadãs detentoras de direitos básicos.

O preconceito contra pessoas trans se chama “transfobia”. Este tem, em sua construção, o termo “fobia”, que é definido como algo que causa repulsa, ódio, medo, desconforto. É uma reação que pode ser até mesmo patológica se persistente, quando em referência a baratas, a aranhas ou ao mar, por exemplo (FOBIA, 2022), Lucas Lima de Podestà define em seu trabalho Ensaio sobre o conceito de transfobia da seguinte maneira: “O termo transfobia, através de sua tradução do termo original anglo-saxão transphobia, é um conceito em ascensão para designar e analisar as múltiplas violências contra pessoas trans – pessoas que vivem a transgeneridade.” (PODESTÀ, 2019, p. 363)

Reconhecida como crime desde 2019, transfobia é a conduta que envolve aversão odiosa à orientação sexual ou à identidade de gênero de alguém. O termo é utilizado para designar um conjunto de sentimentos, atitudes e ações discriminatórias ou preconceituosas contra essa parcela da sociedade, vista e tratada como uma minoria política. Essas ações podem ser explícitas e violentas física ou verbalmente, mas também podem ser veladas. Uma das violências veladas mais comuns é o erro ou desrespeito intencional aos pronomes de alguém.

Apesar de a transfobia ser tipificada como um crime desde 2019, no Brasil, de acordo com o relatório anual da Transgender Europe (TGEU), o país foi por 13 anos seguidos e ainda é o país que mais mata pessoas trans do mundo (PINHEIRO, E., 2022; TVT..., 2021). Se o índice de suicídios também for contabilizado, a expectativa de vida de 35 anos ainda parece alta. Com um índice de evasão escolar de 82%, de acordo com a Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil, se considera que há uma expulsão de pessoas trans das escolas, que nasce e passa pelo não respeito às suas identidades e ao uso dos pronomes corretos para se referir a todes (OLIVEIRA, 2022).

Inicia-se este trabalho com a apresentação desse plano de fundo para que, quando for abordado o debate sobre o uso ou não uso do pronome neutro, entenda-se que ele vai além de simplesmente uma escolha linguística e estilística. Enquanto palavra que constrói mais do que seu sentido pronominal, mais do que apenas a substituição de um nome, como prega a gramática normativa, o uso do pronome neutro é político e deve ser sempre analisado junto à violência que a ausência de seu uso causa.

### 3 A IMPORTÂNCIA DO USO DO PRONOME NEUTRO EM COMPARAÇÃO COM OUTRAS FERRAMENTAS DE NEUTRALIZAÇÃO

O pronome “elu”, junto com um marcador de gênero gramatical terminado em “e” formador de concordância textual, foram criados dentro de uma comunidade de falantes ativa, em contraste a outras formas já apresentadas e até hoje utilizadas, como o “x” e o “@”. Todas essas opções nasceram da tentativa de demarcação do neutro, ou de uma ausência de demarcação de gênero.

O maior impedimento para o uso do “x” e do “@” é a impossibilidade de se dizer qualquer uma das duas formas. A oralidade é uma das características mais importantes do funcionamento de uma língua. Portanto, é necessário que, qualquer que seja a opção escolhida para se demarcar o neutro, ela tenha um fonema correspondente viável (ALTINO, 2023).

Para além disso, ambas poderiam ser consideradas capacitistas, discriminando pessoas com deficiência (PCDs) e impedindo-as de realizar tarefas de forma independente. Tanto o “x” quanto o “@” impedem leitores automáticos, usados por PCDs com baixa visão, de funcionar plenamente, tornando-os incapazes de acessar parte do conhecimento escrito desta forma (ALTINO, 2023).

Pessoas com dislexia também poderiam ser prejudicadas com a comunicação feita usando esses sinais gráficos disruptivos, aponta Brune Medeiros, pesquisadora nas interfaces de língua, linguagem e gênero pela UFRJ, em sua entrevista para o jornal *O Globo* (ALTINO, 2023). Então, para que uma inclusão real seja feita, não se poderia deixar para trás outra parcela da população. Com isso, as pessoas trans se reinventaram e propuseram alguns pronomes neutros e a neutralização do gênero gramatical.

Para se propor um pensamento acerca da mudança do uso de gêneros gramaticais em uma língua — neste caso, no português brasileiro — deve-se entender a natureza e a extensão dessa categoria dentro dos sistemas morfológicos das línguas. Como diria Schwindt em seu texto “Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico”:

Não há uma definição universal para a categoria gênero em estudos gramaticais. A definição proposta por Hockett (1958, p. 231), contudo, segundo a qual “gêneros são classes de nomes refletidas no comportamento de palavras associadas”, é suficiente para a abordagem que apresento neste texto. Isso porque, desfazendo-se, de partida, a hipótese de isomorfismo perfeito entre gênero e sexo, talvez seja mais fácil se entender inclusive essa

relação na superfície das línguas. Gênero, assim, numa perspectiva geral poderia ser representado por algarismos ou letras ou poderia até mesmo ser rebatizado como classe, salvaguardada a ambiguidade deste termo com outras categorias gramaticais vigentes na descrição linguística (como classe temática ou classe de palavra, por exemplo). (SCHWINDT, 2020).

Não há demarcações de gênero gramatical em todas as línguas, principalmente tratando-se de gêneros com uma relação estrita com sexo biológico ou com performance de gênero em pessoas. No português, o uso das terminações em “a” ou “o” aparece em poucas palavras com sentido sexuado, não representando, assim, o que seria entendido como gênero masculino ou feminino, ainda que essa seja a interpretação comum dos falantes da língua. Por exemplo, “porto” e “porta” são duas palavras que têm suas terminações em “o” e “a”, respectivamente. A existência de duas formas diferenciadas apenas pela troca de vogais não representa dois gêneros de uma mesma palavra, pois elas não fazem referência a palavras sexuadas, mas apenas uma mudança de gênero gramatical (SCHWINDT, 2020).

Apesar disso, existem palavras nas quais essa variação trata de gênero e, portanto, se tornam o centro da concordância de uma frase. O feminino muitas vezes é visto como o gênero marcado, colocando-se o “a” ao final de uma palavra, como “menina”, *versus* o masculino, que, em muitos estudos, como o de Câmara Jr., em 1970, tem o seu marcador na ausência do “a” (SCHWINDT, 2020).

Dentro da linguística, esse debate é grande, mas o ponto relevante para o presente trabalho é que os falantes do português brasileiro tendem a identificar o “o” no final de palavras que variam em gênero, palavras sexuadas, como um marcador de masculino. Portanto, o debate do uso de um terceiro marcador de gênero, que viria de um pronome neutro como núcleo de concordância, se mostra relevante e necessário.

Pode-se pensar que o “e” foi escolhido como neutralizador quando em concordância com pronomes neutros por conta de o português apresentar muitas palavras comuns de dois gêneros, que são palavras majoritariamente terminadas em “e”. Em frases nas quais a concordância com pronomes ou nomes são necessárias, foge-se das marcações em masculino ou feminino usando palavras comuns de dois gêneros. Por exemplo, nas frases “a jogadora é esperta”, “o jogador é esperto” e “e jogadore é esperte”, a palavra “esperta” poderia ser trocada por “inteligente”, que faria a concordância correta, sem mudança na palavra, com qualquer um dos gêneros gramaticais.

Outra forma muito utilizada de neutralizar a linguagem (aqui entendida como uma tentativa de não marcação de gênero) no português brasileiro é a reorganização das frases. Por ser uma língua na qual as desinências verbais marcam o tempo, o modo, a pessoa e o número do referente, uma forma razoavelmente simples de neutralizar uma frase é retirar o sujeito dela.

Por exemplo, em vez de uma frase como “eles foram à taverna”, poderia-se propor “foram à taverna” como uma opção viável, que retira o marcador de gênero da frase, apesar de ainda se saber que mais de uma pessoa foi ao cinema. A tendência é que isso seja posto em prática na escrita, em textos formais, pois, na oralidade há uma tendência a se usar uma linguagem mais informal, o que tornaria essa proposta menos viável.

Seguindo a mesma lógica, retirar os artigos e pronomes teria um efeito parecido, principalmente se tratando de nomes de pessoas. “A Ariel saiu da taverna” se tornaria “Ariel saiu da taverna”, tornando o gênero de Ariel não demarcado na frase. Outra forma parecida seria obtida passando-se as frases para a voz passiva. Ao invés de usar “você ficou toda suja de sangue”, se poderia usar “você se sujou totalmente de sangue”.

Com o mesmo objetivo, mas no movimento contrário, demarcar o feminino é uma opção que vem sendo muito usada. Generalizar no masculino, como exposto anteriormente, dentro dos estudos linguísticos, seria considerado uma não marcação de gênero gramatical. Dessa forma, uma alternativa seria substituí-lo por palavras generalizantes que tenham gênero gramatical feminino.

Isso é feito com o uso de substantivos uniformes sobrecomuns de apenas um gênero, como “pessoa”, “criança”, “turma” e afins. Então, onde se diz “aqueles que se moveram terminaram o turno”, se diria “as pessoas que se moveram terminaram o turno”. A marcação do gênero das pessoas que se moveram não é feita gramaticalmente, tornando, assim, a fala mais neutra e evitando a generalização no masculino.

Todas essas propostas são muito úteis e importantes, mas elas não resolvem o problema da invisibilidade das pessoas não binárias, principalmente se tratando do uso de pronomes. Quando é feita uma suposta neutralização usando qualquer uma das formas supracitadas para evitar o uso do pronome neutro para se falar de alguém, deliberadamente escolhendo omitir o gênero da pessoa em questão, pode-se acabar reforçando essa ausência.



Um exemplo que torna essa questão mais palpável: falando-se de uma amiga, com e qual se foi para o parque, poderiam ser formuladas algumas frases:

- 1) “Minha amiga foi comigo à taverna ontem.”
- 2) “Ela foi à taverna comigo ontem.”
- 3) “A pessoa que foi comigo à taverna ontem tem relação de amizade comigo.”
- 4) “Foi comigo à taverna ontem.”

Nas frases 3 e 4, supostamente, a neutralização foi feita, pois não se está usando o masculino genérico. Na primeira, está sendo usado um substantivo uniforme sobrecomum e, na segunda, o sujeito foi retirado para a não marcação. Porém, nesses dois exemplos, a não binária foi invisibilizada, por ter tido seu pronome retirado da frase; parte da identidade dela foi propositalmente omitida.

Nas frases 1 e 2, o uso do pronome neutro escolhido foi respeitado, bem como foi ressaltada a escolha política de fazer uso desse pronome. Quando se fala em linguagem neutra, não se fala apenas de uma neutralização gramatical, e sim, muitas vezes, da marcação do gênero neutro como inclusão das não binárias que usam o pronome neutro.

Entende-se a necessidade de pontuar que o inglês e o português são línguas assimilares em suas construções de frases e na forma como constroem palavras. Isso gera dificuldades únicas, especialmente na formação de frases em concordância com o pronome neutro. O uso do *they* já é canônico na língua inglesa no seu uso plural e o inglês não exige concordância de gênero gramatical com reflexões correspondentes em seus modificadores.

Como foi mostrado anteriormente, o português exige que todas essas mudanças sejam feitas, bem como que seja criado um novo pronome, o que torna tanto a leitura, quanto a produção de trabalhos, traduções e revisões possivelmente mais desafiadoras. Levando-se em consideração todos estes fatores, para além de apenas uma escolha, deve-se tratar a utilização do pronome neutro no português brasileiro como uma posição política e ideológica (LAU, 2017), pois ela traz a possibilidade das “sem-expressão” quebrarem a barreira do silêncio linguístico imposto a elas.



#### 4 A TRADUÇÃO *QUEER*

A tradução a ser pensada neste trabalho é uma escrita de resistência. O objetivo dela é dar voz não só a quem escreveu o texto, mas também àquelas para as quais o texto está sendo traduzido. O primeiro conceito relevante para basear a opção por este tipo de tradução é o da prática de estrangeirização na tradução pensada por Venuti (1995).

Ela existe em contraste com a tradução domesticadora, na qual o tradutor tenta se tornar invisível e tornar o texto o mais fluente possível para a língua de chegada. Segundo o autor,

[...] quando a ausência de qualquer peculiaridade linguística ou estilística faz com que [o texto] pareça transparente, dando a impressão de que reflete a personalidade ou intenção do escritor estrangeiro, ou o sentido essencial do texto estrangeiro – a aparência, em outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas o “original”. (VENUTI, 1995, p. 111).

Fluência, nesse sentido, é descrita como uma máscara detrás da qual o tradutor se esconde, apagando qualquer valor que não se enquadre na cultura para a qual está traduzindo e, com isso, assimilando e outre, como uma prática tradutória hegemônica com uma ideologia de dominação (PINHEIRO, F., 2021). No presente contexto, fazer a escolha por não perturbar a gramática normativa do português brasileiro, perdendo a relação com o original, no qual o pronome neutro foi utilizado, tornaria essa tradução domesticadora.

No sentido contrário a ela, existe a tradução estrangeirizadora. Ela tem como objetivo mostrar para as leitorias que o texto sendo lido é estrangeiro, mantendo nele os aspectos culturais e linguísticos característicos do original. Quem está lendo deve sentir algum estranhamento, priorizado pela pessoa que o traduz e, com isso, ressalta sua presença, suas escolhas e as estranhezas derivadas delas.

O propósito não é produzir uma tradução ilegível, nem impedir completamente a fluência, apenas levar em consideração que “[...] assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora” (VENUTI, 2019, p. 16) e tomar uma decisão sobre resistir a essas práticas.

A cis-heteronormatividade é tão presente no cotidiano de todas que alguém com pouca atenção poderia, mesmo que sem intenção, deixar passar um *they* usado como pronome neutro e inferir que, por e personagem ser par romântico de alguém que usa

pronomes masculinos, seria automaticamente uma mulher. Ser tradutore é também ter um compromisso com a obra escolhida, com es autories e com as ideias das quais se parte. Traduzir um texto *queer* é redobrar essa atenção, pois a norma e o normativo estão contra a escrita, tradução e leitura daquela obra.

O preconceito linguístico em português contra o pronome neutro não é algo novo. Apesar disso e das lutas constantes da comunidade trans a favor de políticas públicas que regulamentem a possibilidade do uso em contextos institucionais e escolas, alguns estados e prefeituras continuam lutando contra moinhos de vento na tentativa de frear falanties de usarem a língua.

Tanto a Academia Brasileira de Letras quanto linguistas renomados, como Marcos Bagno, autor de um dos livros eminentes na questão de preconceitos relacionados às diferentes formas pelas quais as pessoas se comunicam em português, já se posicionaram a favor do uso da linguagem neutra. A sociedade ainda lida com o estranhamento, com o fato de um grupo minoritário estar ganhando voz através da língua que deveria permitir apenas a manutenção do *status quo*.

Como Bagno escreve em seu livro *Preconceito linguístico*, a gramática “passou a ser um instrumento de controle social, de exclusão cultural” e tudo o que não se enquadra nela “não é português”, transformando gramáticas em livros sagrados com dogmas imutáveis e anacrônicos, “inspirada nos usos de escritores portugueses do período romântico”, há muito já mortos (BAGNO, ANO, p. 94-95). Es falanties vives continuam moldando a língua de acordo com o que precisam para se comunicar e, como diria Ferdinand de Saussure (2006, p. 91), “o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal”.

Os pronomes de uma pessoa trans, bem como seu nome, estão entre as primeiras construções a serem feitas no processo de auto identificação (PEREIRA, 2022). Partindo desse pressuposto, uma das questões mais importantes a serem mantidas numa tradução seria a permanência desse processo pessoal de autoconhecimento que culmina, muitas vezes, na escolha de novos pronomes.

Em inglês, o uso do *they* singular já foi, inclusive, dicionarizado, tendo sido escolhido como a palavra do ano pelo dicionário Merriam-Webster em 2019 não apenas por existir há mais de 600 anos, nem por concordar com palavras como *someone* e *everybody*, mas também pelo seu uso, cada vez mais frequente, se referindo a pessoas não binárias (‘THEY’..., 2019). Além de pessoas não binárias famosas, como Bella

Ramsey, Demi Lovato, Elliot Page, Ian Alexander, Indya Moore, Janelle Monáe, Sam Smith, entre outros (elus variam entre usos diversos de pronomes, porém, a maioria gosta que se refiram a eles pelo neutro), cada vez mais personagens que usam o pronome neutro nascem na mídia, como Double Trouble, da série *She-Ra* e Desejo, da série *Sandman*, para os quais o pronome *they* singular é usado em inglês.

A partir disso, percebe-se que tradutores não podem

deixar de interferir e de tomar partido a cada opção que devem escolher, e se não podem mais contar com o conforto aparente da crença na possibilidade do acerto asséptico e acima de qualquer suspeita, inevitavelmente terão que lidar com a realidade essencialmente “humana” do viés e da tomada de posição. Quanto mais conscientes estiverem dessa realidade e do papel que exercem sobre e a partir dela, menos hipócrita e menos ingênua será a intervenção linguística, política, cultural e social que inescapavelmente exercem. (ARROJO, 1996, p. 64).

Portanto, vê-se que, apesar de não dicionarizado, o pronome neutro, em suas múltiplas formas no português brasileiro, é uma necessidade em um bom trabalho de tradução. A representação enviesada da tradução pode ser percebida nas escolhas discursivas, então tratar como norma uma forma linguística apenas por ela ser mais socialmente aceita implica tomar partido ao lado daqueles que sempre tiveram voz e poder político.

## 5 CONCLUSÃO

A linguagem neutra, com suas possíveis polêmicas e contrapartidas, é muito mais do que uma escolha linguística. Ela é algo cotidiano para muitos que vivem fora dos padrões, da normatividade, do que a sociedade julga como masculino ou feminino. Sexo e gênero não são conceitos imutáveis nem existem num vácuo. São conceitos socialmente construídos que foram reinventados ao longo das eras, bem como seus espelhamentos em comportamentos considerados aceitos pela maioria.

A língua não está excluída desse panorama. Dentro da tradução que gerou as perguntas e inquietações presentes neste trabalho, o tradutor fez uma escolha discursiva, criando uma identidade subordinada à norma culta do português brasileiro. Ignorou aqueles que a história tentou apagar; que tiveram sua linguagem própria e suas vozes vilanizadas, vistas como aqueles que vieram para “destruir a língua pura”; que foram afogados pelo preconceito linguístico e social.

Usando “ele” como uma tradução para *they*, se ignora a escolha original de autore, que propõe um mundo mágico. Nele, seria possível a existência de personagens sem gênero, sem distinção de sexo e, portanto, que não se encaixariam no que seria o significado-padrão lido pelos falantes brasileiros do que o “ele” representa.

Pensando nessa característica de tal mundo mágico como uma possibilidade de ser construída no futuro, vê-se que a escolha dos pronomes foi feita intencionalmente. Apesar de não existirem pronomes neutros dicionarizados no português, o *they* como pronome neutro em inglês já o é e, portanto, deveria ser respeitado e repensado em suas traduções.

Com diversos formatos, que vivem em círculos sociais ativos de falantes, esses pronomes não têm uma proposta definida pela gramática normativa tradicional. O uso de “ile”, “elu” e suas variantes são escolhas. O “elu” foi escolhido para a revisão em questão e para este trabalho por ser o que se parece mais com suas contrapartidas “ele” e “ela”. Seguiu-se a proposta de Ophelia Cassiano (2019) para o uso sistemático desse pronome.

Ela argumenta, em acordo com o que este trabalho propõe, que a representação de pessoas intersexo e não binárias não só é necessária em todos os espaços, mas também é um direito delas, bem como o direito à saúde, à educação e a uma vida com menos violências sistêmicas. Acolhê-las é uma polêmica intrínseca ao nosso momento

histórico; implica uma escolha, que deveria ser simples, sobre quem merece ser ouvido, quem merece ter voz e quem merece ter seu redespertar, sua justiça, contemplados.

Primeiramente, foi abordada uma dicotomia muito relevante de ser desconstruída: a de que sexo é algo binário, ou de que a ciência só identifica seres humanos como “macho” ou “fêmea” dentro do âmbito do sexo biológico. Seguiu-se o capítulo de livro escrito por Anne Fausto-Sterling, “Dualismos em duelo”, nesta caminhada, pois, com embasamento real, ela pôde organizar e descrever os mitos relativos a essa pauta e ir desfazendo-os ponto a ponto.

Depois disso, apresentou-se o conceito de identidade de gênero, ou apenas gênero, como experiências para além do sexo biológico, contando com inserção social e vivências como responsáveis por sua criação. Genitais não definem pessoas, tampouco suas formas de se vestir e de se apresentar ou seus pronomes. Gênero é algo que se vive, não algo que se escolhe, nem algo que deveria ser imposto socialmente a uma pessoa.

No segundo capítulo, foi feita uma análise linguística morfológica dos usos do pronome neutro no português, visto que esses campos do conhecimento estudam as aplicações da língua e, portanto, atravessam a tradução. O marcador de gênero em português é uma questão que vem sendo estudada por muitos linguistas. Então, usaram-se as ideias de Schwindt em seu ensaio “Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico” para fazer a análise do que são esses marcadores e de como eles se relacionariam com o uso dos pronomes neutros e de suas concordâncias gramaticais. Além disso, foi importante analisar as desvantagens do uso do “x” e do “@”, tanto pelo aspecto fonológico, pois não se consegue dizê-los, quanto por suas consequências capacitistas.

Além dessa tentativa de neutralização, foram apresentadas duas outras, decorrentes de características inerentes ao português: a retirada do sujeito e o uso de sobrecomuns de dois gêneros. Essas propostas funcionam, mas mantêm a invisibilidade de não binários, pois, quando o uso de pronomes é tão importante para pessoas trans, ignorá-los ou não usá-los pode reforçar a ausência dessas pessoas, retirando parte relevante de quem elus são para evitar possíveis polêmicas.

A função da tradução e seu caráter de resistência foi apontada no terceiro capítulo. Não só quem escreveu o original deve ser respeitado, mas também as pessoas para as quais aquele texto foi escrito, aqueles que lerão e deveriam se ver ali, devem ser levadas em consideração. As diferentes práticas tradutórias e seus objetivos foram

importantes na construção da argumentação de que, nesse campo de estudo, o discurso e seu poder, tanto de tornar presente quanto de manter subjugadas partes da sociedade, já vinham sendo pensadas.

Venuti propõe uma reflexão produtiva sobre as tensões que a tradução revela com seu caráter disruptivo, com noções importantes sobre a autoria dos tradutores e as intervenções que fazem durante seus trabalhos. Suas ideias vão ao encontro do que Marcos Bagno defende em seu livro *Preconceito linguístico*, no qual aborda o controle social que é feito através da gramática normativa e da exclusão daqueles que não cabem dentro dela.

A criação de pronomes neutros é um movimento mundial, como mostra a dicionarização do pronome *they* singular, e, portanto, estes aparecerão cada vez mais em diversos tipos de mídias. Dessa forma, tradutores vão encontrar em seus caminhos a presença cada vez maior da dúvida “o que fazer quando encontro esse tipo de uso no original?”. A proposta deste trabalho é mostrar a todos que a única resposta a essa pergunta é usar o pronome neutro da língua para a qual o texto está sendo traduzido — no caso aqui apresentado, o português brasileiro.

O pronome neutro, então, deixa de ser uma escolha estilística e se torna uma escolha política e de soberania das pessoas trans, binárias ou não binárias, sobre a própria identidade, vida e existência. Estarmos na academia, construindo conhecimento, possibilita que pensemos juntas em como fazê-lo, mas, para além disso, nos permite formar aliadas. Essas pessoas, que se propõem a estar conosco, deverão entender o caráter polêmico da tradução, deixar de lado o conservadorismo em relação à gramática prescritiva e assumir suas interferências e seus processos de resistência, bem como a responsabilidade autoral que têm sobre os textos que traduzem e sobre as vidas que tocam com seus textos.



## REFERÊNCIAS

- ALTINO, Lucas. Linguagem neutra se adapta para ser compreendida por cegos, surdos e disléxicos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 fev. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/02/linguagem-neutra-prejudica-cegos-surdos-e-dislexicos-saiba-como-ela-esta-se-adaptando-por-isso.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- ARROJO, Rosemary. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda de inocência. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 53-69, 1996.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56. ed. rev. ampl. São Paulo: Parábola, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. v. 7.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASSIANO, Ophelia. Guia para “linguagem neutra” (PT-BR): “porque eles existem e você precisa saber!”. *Medium*, [s. l.], 30 set. 2019. Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 17/18, p. 9-79, 2002.
- FELMAN, Shoshana. *O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX*. São Paulo: Edipro, 2014.
- FOBIA. In: DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/fobia>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- LAU, Héilton Diego. O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias na língua portuguesa: a voz “del@s” ou “delxs”? Não! A voz “delus”. In: SIMPÓSIO EDUCACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL, 5., 2017, Maringá. *Anais [...]*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2017. GT12 - Escola: lugar de sexualidades e gêneros! Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3112.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- OLIVEIRA, Ruam. Ao ignorar diferenças, escola exclui estudantes trans. *Porvir*, São Paulo, 3 fev. 2022. Disponível em: <https://porvir.org/ao-ignorar-diferencas-escola-exclui-estudantes-trans>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- OMS retira transexualidade da lista de doenças e distúrbios mentais. *Gov.br*, Brasília, DF, 22 jun. 2018. Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais>. Acesso em: 4 abr. 2023.

PEREIRA, Zoe de Miranda. Representações e contextos do uso do singular they e da neolinguagem não binária. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 83, p. 242-255, 2022.

PINHEIRO, Ester. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. *Brasil de Fato*, São Paulo, 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 4 abr. 2023.

PINHEIRO, Felipe Duarte. Tradução *queer*: visibilidade como forma de resistência. *Fórum Identidades*, Sergipe, v. 34, p. 207-221, 2021.

PODESTÀ, Lucas Lima de. Ensaio sobre o conceito de transfobia. *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 11, p. 263-280, 2019.

POLL, Martina von Mühlen; ALVES, Fernanda de Oliveira; PERRONE, Cláudia Maria. Violência de gênero: uma discussão sob a perspectiva de trauma cultural. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 22, n. 2, p. 89-96, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. Edição por Charles Bally e Albert Sechehave. Tradução por A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. Original publicado em 1916.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da ABRALIN*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i1.1709. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1709>. Acesso em: 4 abr. 2023.

SILVA, Rafaela dos Santos. *A Tradução de Pronomes de Gênero Não-Binário e Neutro na Legendagem: uma Análise Dos Seriadados Carmilla e One Day at a Time*.

Orientadora: Elizamari Rodrigues Becker. 2018. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

‘THEY’ is Merriam-Webster's Word of the Year 2019. *Merriam-Webster*, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/woty2019-top-looked-up-words-they>. Acesso em: 4 abr. 2023.

TVT TMM update: Trans Day of Remembrance 2021. *Transrespect versus Transphobia Worldwide*, [s. l.], 11 nov. 2021. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021>. Acesso em: 4 abr. 2023.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*: por uma ética da diferença. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Trad. Carolina Alfaro. *PaLavra*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 111-134, 1995.